

1958

**exposição de pinturas de crianças**

instituto de arte contemporânea

1958



**7ª exposição de pintura de crianças**

**alunas dos professores ivan serpa e cesar oiticica**

**museu de arte moderna do rio de janeiro**

**18 de dezembro de 1958**



**7ª exposição de pintura de crianças**  
alunas dos professores ivan serpa e cesar oiticica

**museu de arte moderna do rio de janeiro**  
18 de dezembro de 1958



**vera lúcia menezes**  
13 anos



## prefácio

A consideração da arte infantil levanta naturalmente vários problemas, nos quais nem sempre estão de acôrdo os críticos de arte e os educadores. Mas todos êsses problemas encontram um denominador comum no conceito revolucionário de arte e educação inerente à arte da criança e à educação pela arte.

Quando se deixa de ensinar arte — como é o caso dos cursos de arte infantil — para ensinar pela arte, reconhece-se antes de mais nada que a verdadeira educação consiste em estimular as qualidades inatas do individuo e que a arte, longe de ser a aplicação de fórmulas artesanais, é o instrumento e produto dessa educação em profundidade. De fato, não se pode jamais separar arte de educação, tomadas ambas em seu sentido essencial, uma vez que, mesmo no artista adulto, o trabalho criador é, a um só tempo, o processo e o resultado de uma coerência interior. Por êsse motivo não têm razão os que insistem no aspecto puramente pedagógico da educação infantil pela arte, pondo de lado, como secundários, seus resultados estéticos, para ver nos trabalhos infantis apenas uma espécie de mensagem psicológica cifrada. Não se pretende dizer — claro está — que a educação pela arte tenha por objetivo formar artistas, coisa já de si irrealizável, mas sim que a unidade entre arte e educação impede-nos de sub-estimar um de seus aspectos em favor do outro.

Deve-se precisar, porém, que a arte infantil é uma linguagem com características próprias, produto de uma relação especial com o mundo, e que, por essa razão, não deve ser comparada nem julgada em função do que convencionalmente chamamos arte (fruto de uma relação, mais complexa, do homem adulto com a realidade). Sem que defira essencialmente da expressão estética adulta, a arte infantil exprime, portanto, um «conhecimento» e uma «ética» peculiares à infância. Não obstante, pode-se dizer que a arte infantil é eminentemente moderna.

Tal afirmativa que, de início, pode parecer contraditória e extravagante, encerra uma verdade simples que logo se revela, quando nos dispomos a examiná-la.

A arte infantil é eminentemente moderna porque a arte moderna aspira a uma pure-

za e autenticidade que, na arte infantil é condição mesma de existência. Não se pense, por isso, que os artistas modernos gostariam de pintar como crianças mas, sim, que vêm na liberdade de imaginação e expressão das crianças a prova viva do postulado básico de sua revolução: a arte é uma linguagem formal que, desdenhando a visão convencional da realidade, cria um mundo que traz em si mesmo sua disciplina e sua significação.

A criança, com suas garatujas, com seus borrões de côr ilustra de modo irrefutável essa tese — e precisamente porque a desconhece e não pretende prová-la.

Na verdade, nenhuma expressão está tão longe dos postulados e das provas que a arte infantil. Toda a estética moderna fala da busca de identidade entre percepção e expressão, da vontade de uma formulação concreta das experiências mais profundas. Pois bem, essa identidade e essa formulação consituem o próprio cerne da criação infantil e, enquanto os artistas adultos buscam-na às vèzes desesperadamente, a criança as têm de graça e as esbanja perdulâriamente, como se pode constatar nesta exposição dos pequeninos artistas do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A esta altura já deve estar claro que nosso propósito não é demonstrar que a criança é melhor artista que o artista. Acreditamos, sim, que é próprio da criação artística beber nas fontes mais puras do homem, beber no homem mais puro que está no homem: beber na criança. A arte moderna redescobriu essa necessidade, e por isso que a arte infantil é eminentemente moderna.

Ferreira Gular.



**expositores**

Maria Inês Bolonha	4 anos
Farida Suzanne Cohen	5 anos
Gisela Peixoto de Moura	6 anos
Luiz Paulo Bolonha	6 anos
Marcio Meilman	6 anos
David Kogan	6 anos
Celia Landman	6 anos
Francisco José Bolonha	7 anos
Carlos Sergio Gomes Pinto	7 anos
Bernardo Joffily	7 anos
Maria Gilka Lopes de Souza	8 anos
Ana Helena Quinet de Andrade	8 anos
Maria Cecília Rodrigues Costa	8 anos
Maria Inês Mendes Gonçalves	8 anos
Ives Henrique Serpa	9 anos
Wilma Sandra Soutinho Torok	9 anos
Silene Meilman	9 anos
Joyce Landman	9 anos

José Reginaldo Santos Gonçalves	9 anos
Manoel Frota de Souza	9 anos
Robert Kenneth Sushereba	9 anos
Mônica Kahn	9 anos
Cecy Mendes Gonçalves	9 anos
Doris Corrêa Paes	10 anos
Deborah Ellen Crimmins	10 anos
Miriam Kogan	10 anos
Maria Beatriz Borges da Fonseca	10 anos
Paulo Monteiro Mauricio	10 anos
Leila Nicolay Braga	11 anos
Isa Mascovich Goldberg	11 anos
Miriam Marques da Rocha	12 anos
Lucia Maria Neiva Blundi	12 anos
Telma Kahn	13 anos
Maria Letícia Soriano Dobbin	13 anos
Vera Lúcia Alves Menezes	13 anos
Claudia de Souza Gerpe	13 anos
Maria Cristina Ribeiro	13 anos
Sônia Meilman	13 anos



paginação: aluísio carvão  
clichés: gravura carioca ltda.  
Impressão: gráfica dois de maio ltda.

Instituto de arte contemporânea

1958 7ª F. Gullar